

O EMPATE NO III LISBOA-PÔRTO

comentado por VASCO C. SANTOS

QUANDO em Novembro do ano passado, se realizou o II Pôrto-Lisboa e se obteve o resultado de 7,5 a favor da capital, persistiu a impressão de que não se tinha definido, ainda, a diferença de classes e as possibilidades das duas equipas, tanto mais que não puderam comparecer alguns dos mais categorizados xadrezistas de ambos os lados. A eventualidade de se efectuar um encontro-desforra passou a dominar o espírito de numerosos adeptos da modalidade, principalmente portugueses. Essa aspiração pouco tardou a ter realidade — bem mais depressa do que se esperava, diga-se de passagem — graças ao dinamismo de Francisco José Lupi, o grande animador da prova.

Assim, graças à Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, foi possível trazer agora ao Estoril, a selecção do Pôrto, integrada dos seus melhores elementos: J. Mário Ribeiro, campeão do Pôrto e Mestre da F. P. X., Leonel Pias, «leader» do actual campeonato do G. X. P., Américo Martins, ex-campeão do Pôrto, dr. Bernardo Encarnação, Alexandre Gonçalves, Manuel Costa, Gencsi Dezo e Augusto Faria. Acompanhavam-nos o suplente Aristides Cunha e o dr. Adelino Ribeiro, presidente do Grupo de Xadrez do Pôrto, a quem foi confiada a direcção da prova.

Contra a forte equipa nortenha, na qual só era de notar a falta de Evaristo de Oliveira, campeão do G. X. P., opôs-se a selecção de Lisboa, constituída pelos mestres Carlos Pires, João de Moura, drs. Mário Pereira, António Maria Pires, Gabriel Ribeiro Braumann, Francisco Lupi e Rui Nascimento, campeões respectivamente de Lisboa e do G. X. L.

Um rápido balanço permite-nos salientar a homogeneidade da equipa lisboeta, em contras e com a do Pôrto, passivelmente menos favorecida nesse capítulo, mas reunindo valores individuais de primeira grandeza.

O encontro

O «match» efectuou-se no «hall» do Casino do Estoril. Os portugueses, jogando com as brancas nos tabuleiros ímpares, revelaram conhecimento absoluto da teoria dos preliminares da partida. Os lisboetas, talvez inferiores nesse complexo capítulo, não cederam, contudo. As aberturas jogaram-se, na generalidade, muito rapidamente; pouco a pouco, as partidas foram ganhando expressão e, conseqüentemente, as primeiras hipóteses começaram a fervilhar. O dr. A. Maria Pires, Leonel Pias, F. Lupi e Nascimento foram os primeiros a adquirir vantagem. No entanto, os adversários — o dr. Encarnação, Moura, Dezo e Faria — ripostavam animosamente, e não tardou que Nascimento visse modificar-se o aspecto da sua partida, graças ao bem conduzido contra-ataque de Augusto Faria. Entretanto, no tabuleiro I, em que se defrontavam os campeões nacional e do Pôrto, travava-se luta demorada e sem interesse de maior. Noutro tabuleiro, o dr. Mário Pereira resolvia com a facilidade que lhe é peculiar o problema da abertura, enquanto, ao seu lado, Ribeiro Gonçalves e Braumann e Manuel Costa enveredavam por linhas de jogo sem atractivos.

Após quatro horas de intensa luta, registaram-se os primeiros resultados: Pias (Pôrto) derrotou Moura, num final de partida em que ambos evidenciaram o seu valor; o dr. Pires (Lisboa) venceu com relativa facilidade o dr. Encarnação; Lupi (Lisboa), ganhou a Gencsi Dezo uma partida em que sempre dominou; Braumann, impotente para bater o seu antagonista, viu-se obrigado a empatar; e Américo Martins (Pôrto) saiu vencedor de um interessante final, depois de ter perdido um peão.

Ficaram suspensas as partidas Nascimento-Faria, J. Ribeiro-C. Pires e dr. Ribeiro-Gonçalves. Registava-se o «score» de 2,5 a 2,5.

Na segunda sessão e perante numerosa assistência, superior à da primeira, as equipas defrontaram-se com a mesma ordem de tabuleiros, tendo-se apenas alternado as «côres», segundo as normas habituais. De novo, as atenções gerais se inclinavam para o 1.º tabuleiro,

onde mais uma vez estavam frente a frente o campeão de Portugal e a prometedora esperança dos portugueses, o jovem Ribeiro. Mas Carlos Pires, num alarmante abaixamento de forma (em menos de uma semana perdeu 4 jogos de responsabilidade...), exibiu jogo incerto e incompreensível, se atendermos à elevada posição que desfruta no nosso Xadrez. João Mário, em franco progresso, não teve, assim, dificuldade em bater o seu adversário, oferecendo o mais um ponto precioso à equipa. Nas restantes partidas, com excepção de uma ou outra, o nível técnico subiu consideravelmente, caracterizando-se pela «tática agressiva», de que fizeram uso Leonel Pias, Lupi, Nascimento e Gonçalves.

O apuramento dos vencedores começou cedo, dado o ritmo acelerado com que se jogou a maioria das 8 partidas. Uma das primeiras 8 «decisões» deu-se no tabuleiro 4, onde o dr. Encarnação (Pôrto) venceu o dr. A. Maria Pires. O antigo campeão nacional esteve verdadeiramente infeliz; o seu cérebro, p-derosamente dotado, domina ainda a extrema complexidade dos escaques, mas acusou, talvez, o esforço dispendido da sessão anterior. Quasi simultaneamente, Leonel Pias e Alexandre Gonçalves forçaram à desistência os seus adversários, deixando lisongeira impressão. No tabuleiro 7, o campeão lisboeta dominou segunda vez Gencsi Dezo, realizando um dos seus melhores jogos da presente época. Muito interessante também foi a partida Faria-Nascimento, que terminou rapidamente com a vitória deste último, mercê do êxito de uma linda combinação que visava o ganho da Dama.

ATLETISMO

O «CROSS DOS DEZ» FOI O «CROSS» DE UM:

João Silva

A terceira jornada da época de corta-mato foi preenchida pela clássica corrida chamada dos «Dez», sem dúvida das mais interessantes pelo seu regulamento, que obriga os clubes concorrentes a apelar para todos os seus valores, a fim de reelinirem a conta necessária para a classificação.

Porque obriga a esforço colectivo, é, também, esta a competição que mais se aproxima do espírito característico das provas do género, às quais se reconhece, nos países onde adquiriram popularidade e enorme expansão, primazia do resultado global de cada equipa sobre a proeza individual dos vencedores.

Em Portugal, ninguém se preocupa com a tática colectiva e todos os corredores cuidam exclusivamente do seu destino, delirando obter a melhor posição, porque nunca lhes ensinaram as noções de agrupamento, de apoio aos camaradas da mesma cor clubista, de cooperação pré-estabelecida. O mal é universal, nenhum clube lhe escapa; pode afirmar-se, até, com propriedade, que o conceito português das provas de corta-mato é diferente daquele estabelecido no estrangeiro.

Apenas de um homem me recordo que possuía o espírito de equipa e muita vez o pôs em prática, para «rebocar» os companheiros cuja melhor classificação lhe interessava: o inigualável Manuel Dias, nos seus aéreos tempos de campeão.

A corrida de domingo foi, portanto, dentro das normas usuais, uma prova cuja classificação dependia dos valores individuais de dez homens, e foi o Benfica quem, largamente, dominou os únicos dois competidores, Sporting e Atlético, este nem sequer conseguindo completar, na meta, a conta necessária.

O percurso, escolhido nos acidentados contrafortes de Monsanto que descem para Alcântara, nas imediações do campo da Tapadinha, é excelente mas muito duro; praticamente, só é plano o curto troço de passagem pelo terreno de futebol. Como a distância ascendente para oito quilómetros, o esforço pedido aos partici-

Manuel Costa, candidato à categoria de honra do G. X. P., demonstrou boas qualidades em ambos os jogos; um deslize no final de partida, acarretou-lhe, porém, a derrota.

A partida jogada entre o dr. Mário Pereira e Américo Martins prolongou-se até bastante tarde (das 16 às 22 horas!). O jogo decorria com igualdade, quando, subitamente, o antigo campeão nacional, vendo a má pontuação de Lisboa, resolveu mudar de tática. Colocando o rei em segurança, após uma longa digressão de profundo alcance estratégico, o dr. Mário Pereira desencadeou um violento ataque contra o roque aparentemente inexpugnável do adversário, destruindo-lhe a posição... e as esperanças dos portugueses, que viam novamente as equipas empatadas, a 7,5 pontos.

A sessão final, destinada ao acabamento das partidas suspensas, era guardada com justificada apreensão por parte dos lisboetas. Nascimento, com um peão de vantagem e Ribeiro e Pires com poucas «chances» de ganhar, davam azo a cálculos pouco satisfatórios. Todavia, bem depressa se desvaneceram essas preocupações: ao passo que, Gabriel Ribeiro empatava com Gonçalves, Rui Nascimento, jogador de grandes recursos, modificava mais uma vez a feição da partida, acabando por ganhá-la — e salvando da derrota a selecção de Lisboa. Então, todas as atenções convergiram para o tabuleiro I, onde Ribeiro, reconhecendo o perigo que corria a sua equipa, redobrava de esforços. A partida tinha enveredado por uma variante teoricamente empatativa. Mas, o xadrezista português, em lances admiráveis de precisão, que deixou maravilhados os melhores técnicos da especialidade, refutou com mestria a tática do campeão nacional e acabou por forçar o simbólico tomo do rei adversário!

O Pôrto não cedera, graças à extraordinária classe do seu juvenil campeão, o mestre João Mário Ribeiro!

(continua na pág. 14)

pantes era muitíssimo maior do que os agradáveis passeios precedentes na pista do Jockey. Quem afirmar, nesta sequência, propósitos definidos de progressão não passa, ante os factos, de fantasista ironista.

O «Cross» dos Dez teve um grande vencedor: João Silva. Este rapaz franzino, de máscara enérgica e passada fácil, despendeu-se quando quis do pelotão, já disperso dos adversários, e correu como quis em busca da meta ainda distante, que alcançou com mais de um minuto de avanço, sobre o imediato classificado.

Atrás dele, chegou outro rapaz do mesmo tipo, o estreante Manuel Gomes, e, cinquenta metros distante, outro benfiquista já consagrado como homem de fundo: Manuel Gonçalves, delgado e leve como os dois primeiros.

Só, depois, se intercalou o sportinguista Aníbal Barão, o homem que em quatro anos consecutivos ganhou esta corrida, pela qual mostrou sempre particular preferência.

Vêm, em seguida, Jaime Miranda e Filipe Luis, António Rodrigues — que vai em firme senda de progresso —, Joaquim Gomes e António Pereira.

O Benfica venceu a prova com 81 pontos, cinquenta de vantagem sobre os «leões». A indicação dispensa comentários.

A tabela da classificação mostra grandes divergências na posição de alguns corredores. É característico, por exemplo, o caso de Afonso Marques, que se encontrou seriamente embaraçado ante as dificuldades do acidentado percurso. Não nos parece aconselhável que, os seus dirigentes insistam muito na participação deste homem em provas semelhantes, arriscam-se pois a estragar-lhe a temporada de pista.

A organização do «Cross» dos Dez não deu motivos a reparos, embora a sinalização fosse insuficiente nalguns pontos e a falta de fiscais permitisse o natural encurtamento de caminho por parte dos corredores.

SALAZAR CARREIRA

(Continuação da pág. 10)

de «OS SPORTS»

ENTROU no 26.º ano de publicação o nosso colega «Os Sports», que comemorou o facto com a publicação de um número especial de 24 páginas.

Registámos o acontecimento com o agrado de sempre. «Os Sports» tem um passado brilhante e serve esforçadamente uma causa à qual dedica o melhor da sua expansão e da competência dos seus colaboradores, entre os quais figuram alguns dos mais salientes nomes do jornalismo desportivo.

Aqui lhe deixamos os nossos parabéns, com votos de longa e próspera vida.

Campanha Nacional de Educação Física
da «Mocidade Portuguesa»

Continuando a sua série de entrevistas acerca da Campanha Nacional de Educação Física da «Mocidade Portuguesa», STADIUM publicará no próximo número as declarações do sr. Carlos Moreira, ilustre inspector do ensino particular.

A Direcção dos Serviços de Educação Física da «Mocidade Portuguesa» incluiu, no programa da sua Campanha em curso, a realização de sessões cinematográficas gratuitas, reservadas aos filiados e contando da apresentação de filmes desportivos e ginnásticos.

Estas sessões inauguraram-se no sábado, no Jardim Círculo, generosamente cedido pela empreza proprietária, e este primeiro espectáculo alcançou êxito digno de nota: programa esplêndido, entusiasmo da rapaziada e, com certeza, eficientíssima propaganda.

Amanhã, repete-se o mesmo programa no cinema Capitólio e sempre, em idêntico ritmo, sábados e quintas-feiras, e nas mesmas salas continuarão novas exhibições durante mais oito semanas.

Os bilhetes de admisión distribuíram-se a todos os filiados que os queiram requisitar na sede da «Mocidade Portuguesa», região escalabites, a equipa de Santarém venceu a de Tomar 52-25.

Acontecimentos da semana

«BASKETBALL» — O Sport Clube Conimbricense ganhou, pela décima vez consecutiva, o campeonato de Coimbra, em categorias de honra, continuando igualmente campeão em reservas. Na última «round», venceu o Olivais, respectivamente, por 33-31 (c. h.) e 22-11 (res.).

— Princípio a disputar-se o campeonato de Évora, que tem a participação de três concorrentes!

— Na final do campeonato inter-zonas da «Mocidade Portuguesa», região escalabites, a equipa de Santarém venceu a de Tomar 52-25.

CICLISMO — Na segunda jornada dos campeonatos regionais do Porto voltou a verificar-se o vitória do salgueirista Império dos Santos, com o tempo de 2 h. 54 m. 50 s. (média de 37,75 quilómetros, contra-relógio, do trajecto do Porto a Espinho e volta). Este corredor bateu, assim, o «recorde» norte da distância. Em amadores seniores, o vencedor voltou também a ser António Carlos, do Rio Leça, com 3 h. 25 m. 5 s. Outros vencedores: Joaquim Neto, do F. C. P., em amadores júniores, com 2 h. 3 m. 50 s. para os 75 quilómetros da Porto à Póvoa de Varzim e volta; Manuel Silva, do Matosinhos, em iniciados, 1 h. 20 s. para os 50 quilómetros do Porto a Moreira da Maia.

FUTEBOL — Em S. Vicente, efectuou-se uma festa promovida pelo Desportivo de Arroios. A equipa do clube organizador ganhou ao Paredo, por 2-1, conquistando a taça «Jorge Vieira» e o jogo das reservas do Benfica e do Sporting, a primeira venceu por 6-3, sendo-lhe adjudicada a taça «Vasco Santana».

O Palmeiras ganhou o campeonato de reservas da III Divisão, batendo o Caravelas, por sete goals sem resposta. O desafio, para o apuramento do campeão, disputou-se no Lumiar A, seguir ao X Lisboa-Porto em «handball».

— A selecção de Évora aproveitou a sua vinda a Lisboa para jogar nas Caldas da Rainha e em Setúbal; na primeira daquelas cidades, os eborenses derrotaram um misto Javente de Caldas; ganharam por 5-4, e em Setúbal jogaram com o Vitória, perdendo por 1-3.

«HOCKEY» EM CAMPO — A taça «Agostinho de Amorim», disputada num torneio-relâmpago promovido pelo Benfica, foi ganha pela equipa daquele clube. Nas eliminatórias, o Benfica venceu o Hockey C. P., por 1-0, e o Atlético empatou com o Futebol Benfica, por 0-0, mas foi apurado por menor número de defesas executadas pelo seu «keeper». A meia final, entre Belenenses, isento, e Atlético, deu o apuramento do primeiro, que apesar do empate de 0-0 beneficiou de maior número de «corner». No encontro decisivo, o Benfica derrotou o Belenenses por 1-0. A notar que somente os encarnados marcaram «goals», por intermédio de Hilário e de Pedro Silva.

TÊNIS DE MESA — O «tiro» do Lusitano, de Évora, campeão alentejano, derrotou, nas Caldas da Rainha, um misto caldense, perdendo o «match» por 0-5.

TÍRO AO ALVO — Na carreira «Carlos Augusto Coelho», do Casa Pia A. C., começou a terceira disputa da prova «Manuel Castelo Branco», organizada por aquele clube com o patrocínio do nosso prezado colega «O Século».

TÍRO A CHUMBO — Orlando Carvalho, Carvalho Monteiro e Mário Ferreira ganharam as provas efectuadas no «stand» do Lumiar, nas quais também conquistaram lugares de honra Joaquim Belchior (3.º), Armando Pereira, Santos Silva, João de Matos Romão Cassels Junior.

Idéia... genial!!!

Por causa de certo empate
em jogo de xadrezistas
(a «coisa», lá deu nas vistas!)
vejam lá o disparate
dos homens do... chéque-mate!
Dá-nos vontade de rir...
Para o prêmio repartir
houve logo quem pensasse
que a taça... se serrasse!!!
E vá de a dividir...

Quem havia de cuidar
que o alvitre aproveitava...
A «coisa» a ninguém lembrava!
Muito temos p'ra contar
se esta moda pegar
nas camadas desportistas...
Estes senhores xadrezistas
de que haviam de lembrar-se!
Qualquer dia, vai cortar-se
tudo... quanto de nas vistas!!!

Lá serrar a taça ao meio
inda é coisa de somenos...
Ficam pedaços pequenos
e nem sequer há recio
de que venha, de permoio,
qualquer bocado maior...
Mas o que eu acho pior
é se a cideia! pégal!
Sossega! Leitor, sossega,
porque é este o mal menor...

Se amanhã ouvires dizer
que só dão meia-medalha
(ou então coisa que o valha!)
ao campeão que vencer,
nem sequer queiras saber
o tremendo reboliço
que ao Mundo causará isso...
Mas não penses mais em tal!
«Isto»... só em Portugal...
E' p'ra voltar o... «tautigo»!!!

ZÉCAS TLÃO

DESPORTOS DO «STICK»

VAI começar, finalmente, no próximo domingo o campeonato lisboense de «hockey» em campo, já não era sem tempo — pois a modalidade estava praticamente parada, por falta de competições oficiais e mesmo de quem as orientasse, desde Setembro do ano findo, quer dizer desde o encerramento da última época... Mas agora, que a Associação de Lisboa tem os seus dirigentes, o torneio vai ser um facto. Fez-se já o sorteio e elaborou-se o calendário, com a ordem de jogos seguinte: 1.º dia: Hockey-F. Benfica e Belenenses-Atlético; 2.º dia: F. Benfica-Belenenses e Atlético-Benfica; 3.º dia: Benfica-F. Benfica e Belenenses-Hockey; 4.º dia: F. Benfica-Atlético e Hockey-Benfica; 5.º e último dia: Atlético-Hockey e Benfica-Belenenses.

— Aproveitando o último domingo, o Benfica promoveu, no seu campo, uma festa de homenagem a Agostinho de Amorim, elemento dedicadíssimo da sua secção de «hockey» e antigo director da Associação de Lisboa, onde deu as melhores provas de dedicação e interesse pelo desporto do «stick». O festival consistiu de um torneio relâmpago, em que todos os clubes praticantes entraram, numa atitude de leal cooperação e demonstrativa das amizades de que Agostinho Amorim desfruta no meio. A homenagem — a todos os títulos merecida — associa-se «Stadium», pelas qualidades de quem tanto tem produzido na propaganda do «hockey», sem nunca ter havido a mais pequena compensação do esforço, a não ser a festa de agora, tardia, é certo, mas plenamente justificada.

— Inauguraram-se no sábado as novas instalações (melhoramentos — para dizer melhor) do «rink» Lisboa-Imperio, à rua de Pascoal de Melo, uma iniciativa feliz de Alfredo de Sousa, antigo campeão ciclista. O recinto, construído sobre mármore, apresenta agora aspecto mais agradável — pelo conforto que proporciona aos patinadores, permitindo-lhes rolagem mais suave e com pequeno «desgaste» de material. Acrescenta-se que foi coberto integralmente e dar-se-á assim ideia exacta dos melhoramentos por que passou o «rink» Lisboa-Imperio.

— Estão estabelecidas as bases preliminares para a criação das associações distritais de patinação, em Lisboa e no Porto. Da reunião do congresso extraordinário da federação nacional — cuja acção futura será mais restrita — saíram os elementos necessários à organização dos centros associativos, com preponderância e autonomia na disputa das competições oficiais dos seus respectivos núcleos: quer dizer, somente os campeonatos nacionais — de «hockey» e de corridas — passam a estar sob a alçada federativa, consoante determinam as novas leis do desporto português — e, vistas assim as coisas, tal como sucedem noutras modalidades, a patinação vai ter, em consequência, mais possibilidades de expansão do que até aqui, sujeitas todas as organizações ao «estêdio» da Federação. A nova Associação de Lisboa — cuja acção deve começar talvez nos princípios de Maio — está reservado importante papel. Que venha em bem, são os votos que sinceramente formulamos.

O encontro terminou com honra para ambas as partes — será a versão corrente. Quanto a nós, houve uma equipa vencedora — a da capital! O Porto não teve a sorte pelo seu lado. Se assim fôsse, a vitória ter-lhe-ia pertencido — e com merecimento, diga-se com verdade.

O declínio dos melhores «azes» lisboetas é evidente. A forma incerta de Carlos Pires e Peter Braumann, há que juntar o afastamento e consequente destreio do dr. Mário M. Chado, João de Moura, Masóni da Costa, Correia Neves, Nandim de Carvalho, etc. Neste momento excepcional, em que o xadrez desportivo se vê elevado a bom nível de desenvolvimento, seria de desejar o concurso de todos, aqueles, que maior competência demonstraram já nos domínios da técnica do jogo, a fim-de que a «qualidade» se desenvolvesse na proporção da «quantidade».

Contrariamente, no Porto, o xadrez progride sob todos os aspectos, tanto na propagação da modalidade como no que respeita à cultura do jogo — conjunto básico do verdadeiro progresso.

Registou-se desta vez um empate; a bela taça instituída foi serrada e dividida, para assim premiar, com igualdade, o esforço de ambas as equipas.

Acontecerá o mesmo na próxima vez? Os critérios divergem, mas um facto nos parece certo: o xadrez lisboeta está em cheque!

Eis um problema que, na melhor das hipóteses, vem dar nova expressão à tradicional rivalidade Norte-Sul, agora também manifestada no Desporto Intelectual...

No declinar do Nacional da II Divisão

Vitórias folgadas do Estoril
e Vila Real

que se classificaram para o jogo decisivo

FALTA, apenas, uma jornada para conclusão da mais concorrida prova do futebol nacional. Domingo a domingo têm-se desanuvindo as apreensões quanto ao possível vencedor do torneio. Neste momento, abase-se que o título só poderá vir a pertencer ao Estoril ou ao S. C. Vila Real — uma equipa já habituada a estas andanças e outra cuja carreira foi, esta época, surpreendente.

Num aspecto, porém, as duas equipas vão para a final em condições idênticas. É que ambas venceram nitidamente os seus encontros de domingo, na importante «ron» das meias finais.

O Estoril derrotou o Lusitano de Beja, por 6-0; o Vila Real bateu o União de Coimbra, por 5-0. Como se vê, estes resultados são conclusivos quanto à superioridade evidenciada pelos vencedores, que tiveram, ainda, pelo seu lado, a vantagem de jogarem em casa. Os estorilenses, logo que decorreram as primeiras jogadas, revelaram a sua melhor classe, em confronto com a do adversário, que foi, apenas, entusiástico. O caminho da vitória tardou a encontrar, mas depois, não foi difícil chegar à meia-dúzia. Os b-jenses revelaram fraca homogeneidade e, como era de prever, acusaram a falta de contacto com equipas de maior valor.

Todavia, a sua permanência na prova é de molde ser salientada. Outros grupos, em cujas possibilidades melhor se podia acreditar, não conseguiram chegar tão perto do fim.

Os vilarealenses — esses, vão lançados. Dir-se-ia que a equipa ganhou embalagem com três ou quatro resultados convincentes. O moral do «team» deve ser excelente e isso é um factor a considerar. A final da prova deve, por isso, provocar especial interesse.

Os conimbricenses sucumbiram, como se esperava. E, como uma semana antes, foi a deficiência dos destreiros, no capítulo remate, que ditou tal desvelado «score».

Com vista ao «puramente» dos concorrentes à taça de Portugal, a Associação de Lisboa pode continuar a contar com «mais um representante. O União de Beja venceu o Sporting Farense, e venceu o próprio resultado — 3-2 — diz bem que assim aconteceu.

As honras da tarde devem ir para os visitantes, já pela desvantagem da deslocação, já pelo ardor com que buscaram anular o avanço que o adversário alcançou na marcação dos fentos.

E o certo é que os farenseiros desfizeram a impressão desagradável da derrota em frente do Lu. O. Pode dizer-se que se reabilitaram.

O outro desafio teve como protagonistas o Famalicão e a Sanjoanense. Decididamente, os minutos estão a ganhar person ilidade. A sua vitória sobre o grupo da A. F. Aveiro foi nitida — mais nitida do que se poderia esperar se o declínio dos sanjoanenses não viesse a acentuar-se de jornada para jornada. Talvez que com este grupo aconteça precisamente o contrário do que está a suceder aos transmontanos: quebra de confiança.

ZÉ DO PEÃO